



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

MARIA AUXILIADORA VILLAR CASTANHEIRA (Dora)

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Maria Auxiliadora Villar Castanheira (Dora)

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Comitê Olímpico Rio 2016, Rio de Janeiro, RJ

Data da entrevista: 15/08/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 18 páginas

Número da entrevista: E-460

Data da autorização para publicação no Repositório: 15/08/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Experiência na geração do vôlei na década de 1980; Trajetória esportiva; Profissionalismo no esporte; Influências da família; O papel da mídia; Patrocinadores; Possibilidade de intercâmbio em outros países; Participação nos Jogos Olímpicos; Dificuldades; Atuação na Seleção Brasileira; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Legado da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Aposentadoria como atleta e transição para atuação como técnica; Atuação profissional na atualidade.

M.T. – Dora, o que te levou ao voleibol?

D.C.– Ah, eu identifiquei com o esporte. Eu tinha experimentado atletismo, natação, handebol, basquete e gostei do vôlei porque ele não tem o contato, é um jogo de esporte coletivo assim sem o contato físico, que isso eu não gostava, nem no handebol e nem no basquete. Então, ali eu me encontrei eu acho que é um esporte bonito, tem todo um trabalho de cooperação muito forte, de equipe, e isso me atraiu muito. Ele também é muito alegre, é um esporte muito alegre, né?

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

D.C. – Mackenzie. Na realidade eu tive uma trajetória diferente, eu disputei primeiro um campeonato mineiro brasileiro. Eu treinava numa escola, eu não tinha clube e aí eles me chamaram pra treinar. Era férias junto com a seleção mineira e aí fiquei titular do time sem disputar nenhum campeonato por Belo Horizonte de escola e nem de clube. Aí eu entrei no Mackenzie, no clube Mackenzie. Tinha que ser filiada ao clube e eu não queria ser porque eu tinha um acordo com meu técnico da escola que não estudava naquela, eu não estudava. Ele era um amigo, olha que loucura, e eu tinha prometido a ele que eu iria estudar naquela escola. Eu tinha conhecido, eu morava em Ponte Nova e passava férias em Belo Horizonte. Numa dessas férias eu conheci essa escola através da minha prima que jogava lá, então eu treinava nas férias com ela e falei pro técnico que eu iria quando mudasse pra Belo Horizonte, que eu iria estudar naquela escola e nessas férias aí me chamaram pra treinar no clube Mackenzie, lá com a seleção porque eu tinha parente que jogava vôlei e tal e nessa brincadeira eu acabei sendo titular do time e aí me forçaram a ser filiada: “Oh, você vai ter que ser filiada ao clube”. E eu não queria ser porque eu tinha um acordo com ele. Então, o pessoal do clube foi conversar com o técnico para explicar a situação e ele falou: “Não, Dora você tem que ir, siga o seu caminho”. Então, eu fui disputar um campeonato brasileiro sem ter disputado nenhum campeonato, sem ser federada e nem jogado campeonato de escola em Belo Horizonte. Era a época que Isabel estava no primeiro campeonato dela. Tinha Isabel, Rosita, a Mônica, Monicão, a Lenice, essa turma aí. O Rio foi campeão e nós vice-campeãs. Então, eu lembro que quando eu jogava às vezes eu falava assim para o técnico: “Me tira que eu tô afundando o time”. Eu não tinha noção do que era jogar, né? E ele falava: “Não, joga e se você errar a

culpa é minha, pode jogar”. Ele me deu liberdade pra jogar e eu fui um dos destaques, quer dizer, eu jogava o meu voleibol, era lá do colégio lá em Ponte Nova que tinha o meu tio que dava treino lá e eu comecei catando bola e depois ele me botava de vez em quando pra jogar, pra treinar lá. Então, eu tenho uma experiência de esporte, de ter jogado esportes. Minha família é toda de atletas. Eu também jogava futebol, eu nasci no meio de sete homens, meu pai jogou futebol profissional, minha mãe jogava vôlei, então eu já tinha uma certa vivência nesse meio, uma condição motora, então isso tudo fez com que a minha entrada no esporte fosse diferente de qualquer outra pessoa.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol, seu treinador?

D.C. – Foi meu tio que tinha o apelido de Careca, lá em Ponte Nova. Foi ele que me estimulou. Depois teve outro treinador José Geraldo lá e depois quando eu mudei pra Belo Horizonte eu procurei esse, o Wilson Camalier, ele era professor no Instituto de Educação e aí depois eu fui pro Mackenzie. Aí tinha a Irene Gasparin que era a técnica da base, né? Então conheci jogadoras como Rosilene, Rosana Henriques, a Zizi, então tinha jogadoras que chegaram até nível de seleção brasileira e eu joguei com elas.

M.T. – E como era ser jogadora de vôlei na década de oitenta, Dora?

D.C. – Olha, pra mim o esporte era uma coisa que me fazia um bem muito grande, mas naquela época era um lazer e eu fazia porque gostava, era uma paixão, uma coisa assim de fazer uma atividade física. Então o esporte não era prioridade das pessoas, né? O estudo era prioridade, então tinha que estudar. Depois chega uma certa idade que começou a questão dos namoros, a questão de relacionamento, a parte afetiva passou também a comprometer. Então, por exemplo, no Mackenzie, chegou uma época que eu quis sair de lá porque eu tava indo pra seleção brasileira, eu tava numa caminhada de carreira e às vezes eu chegava pra treinar e não tinha ninguém pra treinar: “Uma ia fazer um evento com o namorado, a outra ia estudar”. Não existia aquele compromisso com o esporte e eu queria o compromisso com o esporte, eu tinha esse compromisso. Eu me realizava muito pelo esporte e eu não queria perder essa oportunidade e essa questão pra mim do esporte era para eu me superar, para eu me conhecer. Eu acho que o esporte ajuda muito a você conhecer os seus limites, a conhecer as suas

habilidades, suas potencialidades, vencer dificuldades. A gente aprende muito no esporte, então eu adorava; e eu por ter sete irmãos homens, o vôlei era compensação porque eu convivia com as meninas. Então, eu me sentia no equilíbrio ali nessa relação, né? Com os meninos que eu tinha uma ótima relação com meus irmãos, mas tinha esse outro lado através das meninas que eu aprendi muita coisa, até de vida mesmo já que minha mãe tinha dificuldade de me passar, ela era uma pessoa muito tímida e tudo. Então eu fui saber, aprender muita coisa no esporte com as meninas, né? E com meus irmãos eu não falava sobre. Então, isso foi muito importante na minha formação. Essa trajetória eu acho que ela me impulsionou a me descobrir e eu não queria largar isso, eu queria cada vez mais me conhecer. As meninas não, muitas casaram cedo e eu não, eu levei um tempo pra casar, buscando sempre aquele equilíbrio.

M.T.- Agora eu vou pedir pra você descrever a sua trajetória esportiva, desde o começo até o momento de parar.

D.C. – Eu sempre fui muito disciplinada, pela própria formação da minha família, dos meus pais. Eu optei por essa vida e sabia que tinha que abrir mão de outras coisas. Então, eu fui muito dedicada ao estudo porque eu não podia abrir mão e eu gostava também e de levar uma vida no esporte. Então, eu convivia com as pessoas do esporte, eu dormia cedo, não tinha aquela coisa de farra. Eu saía eventualmente, mas também não tinha aquele prazer, eu preferia muito mais viajar com o esporte, conhecer o mundo pelo esporte do que a questão das baladas, aquelas coisas, nunca fui disso. Aprender a se alimentar, né? Acho que o mineiro tem um problema sério de comida, muita gordura. Através do esporte eu aprendi novos hábitos de alimentação, como cuidar do corpo, entender o funcionamento do corpo, das coisas pra evitar contusão, né? Aprendi muito com os preparadores físicos. O Brunoro foi meu preparador e eu aprendi muito com ele, com meus técnicos. O Ênio, que faleceu agora. O Ênio Figueiredo que foi dessa época, que eu falo que foi uma pessoa que abraçou essa causa também, do jeito que ele sabia e podia, dentro das condições dele, que ele tinha em termos de conhecimento, mas ele tinha um amor muito grande por isso. Tanto que ele pegava Isabel e Jaqueline lá na escola dava um treino separado pra elas. Então ele teve uma dedicação, um amor, um cuidado muito grande com as pessoas, mas do jeito dele, errando, acertando, mas era do jeito dele e com a estrutura que ele tinha. Então, eu acho que essa geração toda foi uma geração romântica, que

via no vôlei uma família, uma extensão da família e eu acho que todas nós ficamos muito amigas e até hoje quando a gente encontra é uma festa. É um gostar de estar junto muito grande porque ali a gente aprendeu a superar, a enfrentar desafios junto. Tudo era novidade, conhecer novos países. O Brasil nunca tinha saído pra fora, pra Europa. Foi quando a gente começou a viajar, interagir com os outros mundos, acho que abriu demais a nossa cabeça. A gente tava junto nesse grupo, então foi um grupo que despertou esse desenvolvimento humano pra todo mundo e possibilidade de ver outros locais pra jogar, a questão do profissionalismo, essa migração pro profissionalismo foi muito legal, foi o início, né? Então, você vê a Isabel foi jogar na Itália, a Vera e a Heloísa depois foram jogar na Itália. Então foi quando começou aquela transição da era romântica, só pelo amor ao esporte pra época do profissionalismo e aquilo tudo gerou uma transformação na gente, né? Eu sempre pensava: “Eu não posso parar de estudar, se eu tiver uma contusão como é que vai ser meu futuro? Eu não posso deixar de estudar”. Então, eu tinha essa consciência. Tinha na equipe a Célia, que era médica, a Sílvia Montanarini, a Eliana Aleixo, Denise, que já eram profissionais, já tinham outra profissão. Sempre na conversa orientando a gente porque a gente era mais nova, então eu acho que essa mescla foi muito importante. No meu caso fez eu nunca desistir de estudar. Então eu cheguei a falar: “Eu quero ser médica”. Meu primeiro vestibular foi pra medicina, eu ia até parar de jogar, aí não passei e eu falei: “Ainda bem que não passei”. Porque eu pude jogar. Mas era um momento assim, acho que todo mundo chega numa idade de dezessete anos e fica aquela dúvida: “Eu vou ou não vou por esse caminho?” Porque tudo é sacrifício, né? Então tem que investir e eu acho que eu fiz um boa escolha, porque eu tinha um prazer de fazer, eu acho que é só com muito amor que você consegue superar qualquer obstáculo. Então, esse time tinha paixão pelo que fazia, a gente queria conhecer coisa nova, treinamentos novos, nós estávamos dispostas, todo mundo disposto a conhecer novos tipos de treinamento, evoluir, querer aprender, perguntava muito, discutia com os técnicos porque era pra incomodar mesmo. Foi uma equipe muito questionadora e isso forçava também o trabalho dos treinadores buscarem porque foi uma época que também que o Nuzman abriu essa possibilidade de mandar atleta pra fazer estágio fora, ele vem com essa visão que foi muito legal que deu pra gente essa maturidade que é jogar no exterior e viajar fazer torneios, então ao conhecer as equipes, elas passaram a ser como a gente, não era mais o bicho papão e eu acho que essa foi uma grande sacada do Nuzman. Eu acho que ele teve um papel importantíssimo quando ele abriu essa possibilidade de mandar atletas e técnicos pra fazer

cursos no exterior e levar as equipes, as seleções pra treinar, jogar lá fora e isso abriu assim um absurdo a visão da gente, de mundo, de atleta e isso contribuiu muito para a construção do profissionalismo que a gente tem hoje. Vários técnicos até o Bernardinho eram dessa geração, ele sempre, como técnico, um eterno estudioso, pesquisando, o trabalho da equipe dele a mesma coisa. Então você vê essas pessoas... Zé Roberto foi pro Japão nessa época fazer estágio, eu lembro. Lembro que meu marido também foi o Sérgio Danilo foi com ele. Então vários atletas que foram, ingressaram nessa carreira de atleta né? O próprio Willian também participou desse grupo que foi fazer estágio lá fora, no Japão. Eu acho que foi um momento muito bacana da gente acreditar e vislumbrar a possibilidade de continuar fazendo o que ama que era paixão, que era o esporte, mas sobreviver disso financeiramente, não precisar sair do vôlei, como muitos faziam, abandonava a carreira pra fazer medicina, pra ter outra profissão. Então ali vislumbrou a possibilidade: “Poxa, lá fora tem profissionais, por que também a gente não pode viver disso?”. E aí veio a Bradesco outras empresas que vem culminando com esse trabalho, com esse processo de profissionalização. Eu acho que esse foi o cerne, a possibilidade da gente tentar, ver que era possível continuar jogando o vôlei, que era nossa paixão e viver dele profissionalmente com dignidade, com respeito sendo considerado uma profissão.

M.T. – Por quais clubes você jogou Dora?

D.C. – Fui do Mackenzie pro Minas, depois fui pro Sport Juiz de Fora. Depois fui pra Transbrasil. Transbrasil virou Sadia, depois da Sadia eu vim pro Rio, pra Atlantictour, time que durou pouco tempo. Depois eu voltei para a Sadia. Depois eu fui pra Espanha, em Toromo, Barbera e depois fui para a Translitoral que era o time do Ênio na época que virou BCN. Eu estava exatamente naquele período. Eu estava lembrando agora com a morte do Ênio lembrando assim, lembrando dos momentos que a gente teve de projetos juntos. O primeiro projeto social dele, que ele apresentou lá pro Instituto Ayrton Senna depois. Esse projeto BCN, o time era Translitoral e surgiu a oportunidade do BCN entrar como patrocinador e o Ênio tava no Guarujá e eu jogava com ele e eu falei: “Ênio vai pra São Paulo”. Que precisava fazer um monte de reunião não sei o quê e eu falei: “Vai, consegue esse patrocínio e deixa que eu vou ser atleta e técnica”. E eu passei a ser assistente dele pra treinar o time enquanto ele estava correndo atrás do patrocínio. Então foi muito legal. Depois

eu joguei vôlei de praia e já fui direto pra aquele time do Leite Moça, lá em Sorocaba que o Sérgio Negrão me convidou pra ser assistente dele. Aí eu abandonei o vôlei de praia e ingressei na carreira esportiva como técnica.

M.T. – E quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

D.C. – Meu pai, minha mãe, minha família também. Meu pai que era técnico muito bem sucedido e me orientou muito sobre o que fazer, a ser uma pessoa de disciplina que são os valores que eu aprendi ali. Tem esse meu tio, o Careca, que me incentivou a jogar, ele era o técnico e me dava mais condição e vários outros treinadores que eu tive. Eu tive o Josenildo, que foi um grande técnico na minha formação e foi muito importante pra mim, a própria Irene Gasparini ali no início. Depois vem o Inaldo Manta que foi assim um irmão, além de técnico um irmão que foi uma perda muito grande para o voleibol, eu acho. E eu acho que os outros técnicos também o Brunoro, que eu tenho um carinho muito grande, com todos eles eu tive assim, aprendi muito com eles, o próprio Jorjão, o Marco Aurélio depois como assistente, então esses técnicos todos, cada um da sua forma, contribuiu pra minha formação. Tanto que depois que eu me formei em Economia eu falei, enquanto eu sou atleta que eu posso estudar a distância vou fazer um curso que dá pra fazer a distância, então foi o de Economia que depende muito só de leitura. Quando eu parei de jogar eu falei: “Agora vou fazer um curso que eu quero viver minha vida e é Educação Física”. Então ali foi uma escolha minha que foi muito motivada por essa trajetória e esses profissionais que passaram pela minha vida, produto dessas contribuições, então eu sou muito grata a todos eles.

M.T.- E apesar de você já ter falado como você destaca a participação da família ao longo da sua trajetória?

D.C.- Eu acho que a família é a base de tudo, ela que me acolheu nos momentos de dúvida, nos momentos bons, de alegria. Eles vibravam, eles assistiam. Meus irmãos já começaram isso. O Cebola é meu irmão, ele começou a jogar depois de mim, através da minha motivação. Ele também conversou lá com seu Adolfo Guilherme, até o seu Adolfo falava que ele chegou lá de mão dada comigo [risos] e foi levando o Cebola pra jogar. Domingos também é outro

irmão que jogou na época no Olímpico. Então assim que consegui inspirar, mas eles me inspiraram também e meus irmãos mais velhos jogaram futebol, meu pai, minha mãe, então eu acho que a família ela realmente dá o sustento, o suporte porque a vida do atleta é uma vida de constante pressão. Você tem que ter pressão por resultado, pra sua performance, então trabalha no limite o tempo todo e não é fácil trabalhar no limite o tempo todo. Você aprende, você cresce muito com isso, mas você precisa daqueles momentos assim e aí na época, meu namorado também que era o Baca, o Bacalhau foi meu marido também e ele foi muito importante pra mim e eu tenho certeza que pra ele também, porque os dois eram jovens atletas e cresceram, tiveram toda uma carreira. Então, o Baca foi uma pessoa que me ajudou muito, ele era do handebol, então o vôlei era desse contexto e essa troca de experiência foi muito importante entre os irmãos e no caso com o Baca, com os amigos. Eu vejo que a família realmente é aquela que te ampara e que te segura e te empurra também: “Vai”. Minha mãe foi muito importante, ela pegou uma doença ficou acamada cinco anos e eu era pressionada, por ser a única filha, a ter que cuidar dela. E meu pai e eles falaram: “Não, você vai continuar sua carreira”. E meu pai assumiu esse papel de cuidar da minha mãe. Então foi uma coisa assim... São exemplos de vida muito bacanas e ela falou assim: “Deixa e vai”. Talvez eu não tivesse jogado mais vôlei se eu fosse parar minha profissão pra ficar com ela, mas ela me empurrou: “Vai”. Ela teve um papel fundamental.

M.T.- Dora, no voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta que você considera importantes?

D.C. – Foi essa abertura para o intercâmbio, que foi fundamental para a evolução do voleibol em tudo, desde os treinamentos, novos conceitos. Então tinha aquela coisa que mulher vai ficar musculosa e chegava e jogava contra a Rússia, contra aqueles países mudando os padrões de beleza. Culturalmente a gente foi modificando, as próprias jogadoras pelo jeito de jogar, de ser, né? Eles falavam: “Ah, vai fazer musculação, vai ficar...” E a gente tinha resistência à musculação. Quando a gente foi ver os outros países não tinha nada disso e foi mudando. Não foi fácil essa mudança cultural, mas ela aconteceu. Ela foi muito importante, sair daquela coisa do amadorismo, não só amadorismo assim, mas de uma situação de jogar vôlei e lazer, que não existia compromisso. O romântico para o vôlei estruturado, com projeto, com treinamento, com todo um plano de trabalho. Não falo em grana não, eu falo

assim em sistematização do treinamento, aquela preocupação na época do Tubino, como é que divide as cargas de treinamento, tem que dividir cada um, trabalho individualizado começando ali, ninguém é igual a ninguém. Então para umas tem que ser de um jeito, esse aprendizado foi absurdo com esse intercâmbio. E acho assim outro ponto é a mídia. Luciano do Vale foi fundamental [ênfase], da Bandeirantes com a gente, dessa divulgação, porque o vôlei ele era escondido, quando a gente começou a participar de competição e ter resultado a mídia... E foi canal aberto, não é? Então, nós ficamos assim, conhecidas. E como esse grupo era o mesmo há vários anos, ficou mais forte ainda. Eram poucas jogadoras ainda, a cultura da mulher não era ter uma carreira esportiva ainda, era aquela coisa de casar, ter marido ou então estudar para ter uma profissão. Então, como tinham poucas malucas que decidiram fazer sua vida através do esporte esse grupo ficou muito conhecido nos times, nas suas equipes e com isso foi promovendo campeonato brasileiro, todo mundo conhecia no campeonato brasileiro, todo mundo, os times, os clubes, os clubes de futebol. Você tinha lá o Botafogo, o time do Botafogo, do Flamengo, do Fluminense. Então, era uma coisa assim saudável, super saudável, que era só família pra caramba, mas era conhecido, que dava mídia aquilo ali. Então você via os ginásios lotados, o próprio Minas Tênis Clube, o Cebola jogava na época lá. Depois começaram a entrar as empresas, entusiasmadas com a questão da mídia e tudo depois do Mundialito de 1982, que eu acho que foi um marco para o voleibol.

M.T. – E qual episódio marcou sua carreira na década de 80?

D.C.- Ah, para mim é o fato de ter ido nos Jogos Olímpicos. No de 1980 eu tive uma dupla emoção, uma grande emoção positiva, alegria de poder estar disputando os Jogos Olímpicos pela primeira vez. O voleibol participou dos Jogos Olímpicos e esse fato trouxe uma alegria assim enorme. A tristeza é que nós fomos convidados, nós não fomos pros Jogos por mérito, a gente foi convidada por causa do boicote político. Então para mim, eu lembro que no desfile de abertura eu chorava igual criança, porque eu falava assim: “Quantos atletas mereciam estar aqui vendo essa maravilha de evento e com muito mais condição e direito do que eu?”. E por uma questão política esses atletas foram prejudicados. Então essa questão do boicote foi muito forte. Em 1988, em Seul, o gosto foi diferente porque em Seul foi a primeira vez que o Brasil conquistou o seu direito, que foi um pré-olímpico disputado na Itália e foi uma emoção muito grande, nós ganhamos o direito de participar e isso pra gente foi inesquecível, uma

honra. Eu tenho orgulho porque a gente conquistou isso, a gente não ganhou, a gente conquistou o direito, então a emoção foi bem diferente. Agora, eu acho que essa questão política era muito forte em [19]80 no mundo todo, era um alvoroço nessa parte do bloco socialista. Eu sei que tinha muito isso dos atletas serem objetos disso, de fazer parte desse jogo sujo. Eu lembro que foi bacana ver lá no refeitório de Moscou a revolta dos atletas, o protesto dos atletas. Foi muito legal ver todos os atletas injuriados com aquela situação. Mas aí em Los Angeles teve o troco. Então o atleta ele se sujeita a isso e é uma situação complicada.

M.T. - E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta, Dora?

D.C. – Estrutura. Não tinha uma estrutura do mesmo nível que a dos países que estavam competindo nos Jogos. A gente só teve três meses de treinamento, uma coisa assim junta foi a primeira vez que a gente teve. Até ofereceram pra gente uma droga, não sei se posso chamar isso de anabolizante, mas era uma forma de ganhar massa muscular mais rápido porque a gente ia ter pouco tempo de preparação pros Jogos de Moscou, entendeu? A nossa sorte foi que a Célia tava no time e era levantadora e médica, ela disse assim: “Gente, isso aí é novidade, isso aí ninguém sabe os efeitos colaterais e eu acho que não vale à pena a gente entrar nessa”. Ela orientou. Felizmente, porque poderia trazer algum problema de esterilidade, alguma coisa assim. Mas, o mais impressionante é que apareceu uma pessoa oferecendo essa possibilidade para que todo mundo fosse forte e chegasse mais rápido a uma condição mais próxima da dos países que estavam competindo. Mas aí foi uma posição do grupo: “Não”. Então eu acho que isso aí foi muito interessante e depois a gente veio saber que é um tipo de doping, não é? Qualquer coisa que você ganha massa muscular rapidamente fora do normal... Então foi quando a gente começou a ouvir falar de doping, foi esse período aí também por causa dessa briga dos blocos socialista e capitalista, que todo mundo tinha que ganhar medalha, então eles faziam qualquer coisa pra ganhar. A gente foi ouvindo e entendendo que existia esse troço no mundo, no esporte. Então eu acho assim que essa profissionalização, eu não gosto de falar muito de profissionalização porque você pode fazer um belíssimo trabalho e não ter dinheiro envolvido. A gente sabe de vários trabalhos de base que são sensacionais e os atletas não ganham nada, mas está tudo estruturado. Eu falo assim trabalho estruturado e

isso eu acho que faltou, isso foi uma grande dificuldade. A gente não tinha pessoas com experiência na parte de medicina esportiva pra atender, recuperar a gente. Não tinha preparador físico ainda capacitado, qualificado, no mesmo nível dos russos, dos americanos, porque não tinha essa experiência, não é? Apesar de não gostar de usar esse termo, nós fomos uma geração cobaia. Eu não gosto do termo porque eles eram cobaias, tadinhos. Então, eles liam, estudavam, eram estudiosos, esforçados, mas era trabalho para melhorar a impulsão, vamos fazer, a gente fazia. Agora tem um trabalho russo de não sei o quê e vamos fazer, a gente fazia. A gente entrava nessa o tempo todo e isso era o problema.

M.T. – Dora o que o voleibol trouxe de positivo pra tua vida?

D.C. – Ah, o desenvolvimento pessoal muito grande. O emocional, o desenvolvimento integral como ser humano e abriu as portas. Imagina eu, a única mulher no meio de sete homens em uma casa no interior de Minas... O futuro era ser fazendeira, casar com fazendeiro, uma coisa assim, não é? Então, o esporte fez com que eu, aos dezesseis anos estivesse viajando sozinha pra Europa. Quando é que naquela época uma menina de dezesseis anos, quinze, dezesseis anos pudesse estar viajando sozinha com o grupo? Então essa questão da autonomia, da liberdade, de você conhecer, de abrir, claro que com responsabilidade, nada de anarquia, mas entendendo e se conhecendo, se vendo nos países tendo de se virar como na França, falando francês e no inglês e tentando entender e viajando sozinha com o grupo, com as meninas depois do evento. Então isso tudo são experiências que não tem preço, que escola nenhuma te dá. Essa mudança pra mim, essa possibilidade me abriu para o mundo. Eu era uma pessoa extremamente fechada, tímida e de repente eu abri, abri assim e foi muito legal.

M.T.- O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira e o que você almejava?

D.C. – Olha, nunca joguei pensando em ser atleta de seleção brasileira e eu falo isso pra todo mundo que tá iniciando: “Não vai com esse espírito, vá fazer o seu melhor sempre”. Tive isso muito certo, quero fazer o meu melhor porque eu gosto, eu quero desenvolver, eu quero me aprimorar a cada dia, quero aprender uma coisa nova e isso foi uma característica minha. Então, ser atleta da seleção brasileira é uma consequência desse trabalho e o orgulho pra mim pesava muito. Quando vestia a camisa do Brasil e ouvia o hino era uma emoção muito grande

e aí ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande porque tinha que dar uma resposta para o país. Eu tava representando uma nação, então eu sempre assumi muito isso e acho que a postura, a conduta tem que ser também equivalente e isso pra mim foi muito forte. Por exemplo, hoje eu estou aqui no Comitê Olímpico e é orgulho pra mim fazer parte do Comitê, como era pra mim vestir a camisa do Brasil.

M.T. – O que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

D.C.– O primeiro, em Moscou teve o gosto de um presente, presente dos Deuses, né? Caiu o céu! O segundo, em Seul foi uma conquista. Ali me mostrou resultado de uma luta diária, um dia após o outro. Foi o reconhecimento de um trabalho bem feito.

M.T.- Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com tua vida pessoal?

D.C.- Uma luta, mas eu não deixava o voleibol, ia abrindo mão da minha vida social e já tinha muita gente na minha casa que fazia esporte, já era uma vida intensa. A minha turma era do esporte e eu não buscava outras turmas. Eu perdi muita coisa em função do esporte porque tinha que optar a gente não pode querer tudo.

M.T. – E como você percebia o olhar do outro sobre o teu corpo atlético naquela época?

D.C.– Ah, naquela época começaram a valorizar muito o corpo atlético, das musas do vôlei, não é? Era a época de Isabel, Vera, então eles valorizavam muito a gente. Até hoje eles mexem comigo que a gente usava sunquíni: “Ah, quero ver a Dora de sunquíni”. Então é a turma toda gozando a gente. Eu acho que criou um padrão de beleza diferenciado e que o público começou a gostar das atletas definidas, não é? Não era musculosa, aquela coisa feia, mas era uma coisa bonita já que o vôlei dava esse perfil, né? E a plasticidade do vôlei é fantástica, então ficava muito bonito.

M.T.- E como era a rotina de treinamento de uma seleção em termos de lesão, sacrifício?

D.C. – Tinha muita lesão porque a gente não tinha muita estrutura, como eu falei antes. Então machucava a gente não tinha noção do que era muito e do que era pouco. O trabalho individualizado a gente foi construindo aí nessa década e a evolução foi absurda.

M.T.- E havia diferença na tua opinião entre o voleibol feminino e o masculino?

D.C. – Sim, o masculino tinha um tratamento mais profissional, estava mais a frente da gente e a gente sempre a reboque como se diz, não é? Eles conseguiram patrocinadores porque eles tiveram uma projeção muito grande primeiro que a gente e foram ganhando. Ganharam classificação, ganharam uma condição melhor que a gente, então eles eram convidados pra torneios e o nosso time não tinha expressão ainda. A época do Peru matou ali a gente. Aquela safra das peruanas atrapalhou muito a gente, depois as cubanas também e foi um período difícil, foram dois calos da gente. Os meninos estavam à frente nessa, tanto do profissionalismo brigaram mais por isso porque precisavam sustentar família e tudo, então esse profissionalismo tinha que ser mais efetivo. As meninas ganhavam menos, a gente pegava o uniforme deles, os que sobravam deles pra gente. A gente entrava na onda do patrocinador deles e não recebia nada. Foi aí que teve aquele episódio da Jackie, que não queria vestir a camisa porque achava aquilo absurdo. Então, eu vejo que foi importante porque eles estavam numa condição melhor, em um estágio mais profissional que o nosso, das meninas. Mas, eles puxaram a gente também, eles mostraram pra gente que era possível também, principalmente quando foram pra Itália. Vários atletas masculinos e femininos... Então eles mostraram que lá tinha um campeonato italiano forte e todo mundo jogando lá, que legal. Isso mostrou que existia essa possibilidade da gente ser profissional também, a possibilidade da gente buscar ou pelo menos lutar por esse nível de profissionalismo, porque o basquete feminino ganhava muito mais que a gente na época. Hortência e Paula? “Nossa, elas estavam anos luz na nossa frente”. Mas já tinham resultado, tinham patrocínio e a gente não tinha. Então elas também foram espelho para gente em termos de buscar esse profissionalismo, de buscar esse trabalho. Elas foram, vamos dizer aqueles referenciais que a gente tinha. Era isso e a gente lutando ali todo dia e tentando tirar essa pedra do sapato da gente que eram as peruanas e as cubanas depois.

M.T. – E o que representou pra você o voleibol feminino na década de oitenta em nível nacional e internacional?

D.C. – Ah, existiam os clubes, né? A gente não tinha tantas atletas como hoje nos clubes. A gente estava abaixo e a gente precisava chegar no nível internacional, a gente estava aquém e a saída foi o intercâmbio, eu não tenho a menor dúvida. A gente precisava e nunca tinha saído de casa. A primeira vez que a gente concentrou foi em 1977 lá em Belo Horizonte para o juvenil e o grupo do juvenil que virou adulto depois. A gente foi morar numa casa lá, todo mundo por nove meses ali, uma vigilância. Pra estudar tinha uma Kombi pra levar a gente. Eu saía cedo pra estudar, elas matavam aula, Jackeline e Isabel, aquela coisa. A gente fazia prova junto, uma fazia prova para outra. Quer dizer aquilo tudo foi uma novidade e a gente tinha que aprender a conviver com aquilo e tentando criar essa estrutura de treinamento de qualidade, mas sem deixar de estudar, preocupada sempre com o desenvolvimento acadêmico e profissional. Hoje eu vejo com muita tristeza, a garotada nova aí que parou de estudar por causa do vôlei e na época a prioridade era o estudo. Era difícil encontrar alguém que queria abrir mão do estudo para jogar voleibol. Os contratos tinham que ter horário pra estudar, não é? A gente sempre prezava por isso. Por exemplo, na Transbrasil foi uma experiência muito legal porque eles deram estágio pra mim como economista lá dentro. Eu trabalhava também dentro da empresa. A Irene Gasparini também, então a gente vê essa situação muito tranquila, entendeu?

M.T. – Dora, o que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

D.C. – Acho que a paixão pelo vôlei, pelo esporte, porque isso contagiava a torcida. Os campeonatos brasileiros eram inflamados. Teve grandes atletas, como Renan, Montanaro, William, uma geração maravilhosa. A nossa também enchia de público, era o ginásio, aquela coisa, a paixão pelo esporte ele tornou popular e isso passou pras gerações seguintes a importância de fazer com amor, mesmo sendo um esporte profissional. Existe sacrifício, mas fazer com amor. A outra coisa importante é de buscar cada vez mais o desenvolvimento profissional do esporte, com melhores estruturas, capacitação dos profissionais, melhores condições, melhor calendário, melhores técnicos, melhores árbitros, a importância de passar

essa cultura para as empresas. As empresas aprenderam muito também, elas mudaram o jeito de olhar o esporte, que era só pra ver a marca na televisão e ter lucro. Não, elas começaram a entender a importância do atleta como um garoto, que pode ser utilizado como um garoto propaganda e que os produtos tem que ter essa sintonia, têm que ter essa relação bacana já que não é qualquer jogador que tem que fazer propaganda pra qualquer produto, tem que entender também. Houve uma evolução muito grande do marketing na qualidade dos produtos, então tênis foi uma coisa que evoluiu absurdamente. As empresas começaram a querer melhorar os tênis. A gente testava um monte. Você lembra o tênis Bernard que teve que ele experimentava? Eles davam um monte de coisa pra experimentar. Eles começaram a enxergar o movimento dos atletas... A joelheira, a tornozeleira, então, a indústria do esporte cresceu muito aqui no Brasil e todo mundo buscando qualidade porque tudo que vinha importado era melhor, né? Era Mizuno, Tiger e as empresas daqui falaram: “Poxa, tem que melhorar pra competir já que é um mercado interessante”. Foi uma época que aumentou o número de praticantes e de empresas interessadas, então a gente fez essa paixão. Eu acho que no esporte a qualidade, principalmente. Acho que os meninos foram os carros chefe, mas as meninas também mostraram que as mulheres podiam jogar e viver disso sem precisa casar. A vida delas não era mais só casar ter filho, elas podiam ter uma profissão, independente do marido e ser auto-suficiente, ganhar mais que o marido, coisa que antes era uma coisa absurda. Então eu acho que a independência feminina foi muito grande nesse lado. Pra mim, pessoalmente, a grande virada foi essa independência.

M.T.- E quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

D.C.– Eu fui para Espanha, joguei uma temporada na Espanha. Quando eu voltei, eu já tinha me formado. Eu joguei vôlei de praia porque eu queria experimentar, eu falei: “Não vou parar sem jogar, sem experimentar o vôlei de praia”. Mas o fator idade pesou porque eu joguei vinte anos bem jogados, bem vividos. Aí eu falei, quero ter uma experiência com vôlei de praia porque se eu vou trabalhar com vôlei de praia eu vou saber também. Aí eu tive um convite pra trabalhar como assistente técnica e esse foi um empurrão pra eu largar realmente o vôlei.

M.T. – E como foi a decisão de parar de jogar?

D.C. – Quando você pesa a questão financeira com o pedido do corpo, com a saúde e você vê que seu rendimento já não é mais o mesmo e sua contribuição não é tão grande e a chance de lesão é maior... Quando o corpo começa a dar sinais que tá na hora de parar e você começa a se projetar para uma próxima etapa, o que graças a Deus eu fiz porque eu tive essa preparação e muitos não tiveram. Isso é muito complicado, aprender uma nova profissão, não é?

M.T.- Que é a próxima pergunta. Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

D.C. – Foi uma transição rápida, eu saí de atleta e virei assistente do Sérgio Negrão e em seguida o Bernardinho me chamou para seleção. Eu estava como assistente dele lá na seleção feminina. Então pra mim foi assim, graças a Deus, uma coisa que eu não tive nenhum problema, mas foi uma coisa construída, preparada. Eu falo que nada caiu do céu pra mim. Nunca nada caiu do céu, sempre foi muito conquistado e é o trabalho do dia-a-dia. Então eu acho que o mais importante é os atletas estarem preparados para esse momento, para essa transição. Isso é um trabalho que a confederação está fazendo, que o COB tá fazendo... Estão fazendo esse trabalho com os atletas que eu estou achando muito bacana. O Moreno que está liderando, como um “coach”. Como eu te falei, eu me preparei para esse momento, mas grande parte dos atletas não se preparara e aí a queda é muito grande. Ele fica perdido porque tá acostumado a ter uma rotina, alguém cuidando e de repente se vê sozinho, tendo que correr atrás das coisas, do seu pão de todo dia. As pessoas que abriam sorrisos ou eram seus amigos não são mais porque você parou. Então você fala “poxa, mas essa pessoa torceu tanto por mim e agora tá fechando a porta?” O atleta precisa entender que era um ídolo enquanto atleta, mas quando muda a profissão ele entra na competição do mercado daquela nova profissão. Então ele tem que se submeter a toda essa nova realidade e muitos não estão preparados. Eles acham que vão continuar sendo as estrelas e que vão ter os torcedores para botar ele pra cima, pra empurrar. Levam um choque!

M.T- Dora você sente saudade da época que você jogava?

D.C. – Eu sinto saudades das amigas, dessa coisa do estar junto, dessa troca que a gente tinha, das brincadeiras, da convivência que era muito legal. Eu não tenho saudade do trabalho, de

treinamento, porque eu acho que dediquei muito. Eu não me arrependo de nada que fiz e se tivesse que fazer, eu faria de novo. Então, eu estou assim satisfeita com o que foi feito. Agora estou curtindo uma nova etapa, as minhas atividades de hoje, dentro d'água, fazendo hidroginástica, uma coisa mais leve. Eu não fico aí fazendo musculação porque tem que fazer, porque tem que ficar forte. Eu não preocupo com isso. Me preocupo com qualidade de vida, então o objetivo é outro e eu estou bem satisfeita.

M.T. – O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

D.C. – Mudou o estilo de vida, né? Eu treinava oito horas por dia e de repente não treino mais. Fazia atividade como assistente técnica, treinava, fazia musculação, ajudava. De repente tive que adaptar a outro estilo com relação à parte física, aos hábitos. Outra coisa que muda são os amigos. Você tinha um grupo de amigos que era do esporte e quando você para você começa a construir novos amigos, novos desafios. Então eu encarei, eu falei assim: “Não vou perder meus amigos que eu tive, vou construir novos amigos”. Então, onde eu estivesse qualquer trabalho que eu fosse era um começar de novo e aproveitando também pra resgatar minha família, porque ela ficou prejudicada esse tempo todo aí. Foi um momento de curtir minha família, meus irmãos, eu tinha tempo pra conversar... Antes, a gente só pensava no trabalho, no treinamento.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de ter parado de jogar?

D.C. – Olha, eu acho que são momentos diferentes. Era uma alegria muito grande que eu sentia por jogar, essa liberdade e essa libertação de mim mesma. O fato de eu me conhecer, me abrir para o mundo, essa minha transformação, essa possibilidade de transformação me trouxe muita alegria. O não jogar é você conhecer um outro mundo, eu acho. O que eu vejo, a grande diferença do mundo real pro mundo do esporte é que no mundo do esporte tem as regras e se você não obedecer as regras tem o juiz, tem uma punição e no mundo real, as regras são... Tem muito jogo camuflado, que a gente não sabe jogar, como nas relações, no trabalho. Então, no mundo do esporte a gente é muito transparente porque no esporte você é o que é, você se mostra, você mostra a sua cara e todo mundo te conhece, do jeito que você é. Se

você é nervoso, se você é calmo, não adianta tentar ludibriar o técnico. No esporte você é muito transparente e as coisas são muito claras e abertas. Já no mundo real isso não acontece isso. É muita camuflagem, é muito jogo por debaixo dos panos. Eu, sinceramente, tive muita dificuldade pra conviver nesse mundo real. Até hoje eu sofro com isso... Decepções com pessoas, de uma pessoa puxar tapete, uma coisa assim que no esporte o cara pode até querer fazer isso, mas você percebe fácil que ele tá fazendo isso e os outros também, todo mundo percebe. É muito mais transparente... Mas aqui no mundo real se esconde muita coisa debaixo do tapete e isso pra mim é muito complicado. Claro que tem coisas lindas como a questão dos sobrinhos da família... Quando eu falo disso é de uma forma mais geral. Outra coisa desagradável é saber que existem aquelas pessoas que me curtiam e aqui no mundo real estão me traindo. Aquelas pessoas que me prometiam muita coisa, depois que eu parei esqueceram de mim. Aí você começa a ver quem é quem. Eu sempre penso se o meu mundo real não é ilusório... Em termos de torcida sim, mas em termos de jogo, a gente conhecia o grupo exatamente como cada um era. Agora aqui você pode ter um grupo e custa a saber quem é quem, você demora muito mais para saber quem é quem.

M.T.- Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?

D.C. – Eu fui até técnica na Superliga, do Datasul, de Joinville. Depois eu fui assistente do Leite Moça e daí eu fui para a seleção brasileira com o Bernardinho como assistente junto com o Tabache, o Hélio, todo mundo e aí eu continuei na seleção até Atlanta. Aí quando foi Atlanta eu falei: “Bernardo, eu não quero mais trabalhar com você na seleção, eu preciso ter um endereço, ter raiz”. Que é outra coisa que é importante, porque depois que você para de jogar você começa a ter raízes, estabelecer em um local, ter endereço, construir uma relação mais sólida. Porque no esporte, às vezes, o grupo era muito forte, mas fora era muito superficial e assim variava muito. Cada ano você estava numa seleção, numa cidade. Você conhecia muita gente, mas coisa sólida era difícil porque você mudava muito de time, de lugar. Hoje você está com a seleção viajando, amanhã você está em casa, você não tinha uma rotina e eu precisava estabelecer isso e aí eu falei: “Bernardo, se você tiver um projeto com criança, que é a minha alegria, passar para as crianças e para os jovens essa experiência que eu tive como atleta”. Na minha vida, na minha formação é meu desejo e meu projeto de vida. “Se você tiver um projeto desses, você me chama”. E aí veio o da Unilever, em Curitiba. Eu

fui pra lá e fiquei quinze anos. De lá, eu vim pra cá, sempre com o voleibol, sempre com iniciação ao voleibol.

M.T.- Qual a sua ocupação hoje em dia?

D.C. – Trabalho no Comitê com projeto de educação que é levar a educação olímpica para as escolas e comunidades. Então é preparar as crianças e através das crianças preparar a cidade para entender dos vários esportes que vão acontecer aqui nos Jogos e aproveitar para trabalhar os valores olímpicos e paraolímpicos. Construir um legado junto com a secretaria de educação e essa experiência daqui ir pro Brasil. Estamos construindo essa estratégia, essa metodologia pra ir pro Brasil no próximo ano.

M.T.- O que o voleibol significa pra você?

D.C. – O voleibol foi um meio de eu me realizar, de aprender. Um meio de aprendizado, de autoconhecimento, de convivência, de relação. Uma forma de relacionar com os outros, de aprender a conviver, a desenvolver. Pra mim foi o maior meio de desenvolvimento humano.

M.T.- E qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra sua vida?

D.C. – As lembranças, os amigos, as boas lembranças, a coragem de enfrentar. É, eu acabei me preparando para esse mundo real aí, que é não é nada fácil.

M.T.- E pra finalizar, você gostaria de deixar algum comentário sobre os temas que a gente abordou nesta entrevista?

D.C. – Acho pertinente, acho que vale a pena pesquisar sim. Você tocou em um ponto que acho que faz falta: mais pesquisas sobre isso. Acredito que para essa transição acontecer, deixar de ser atleta pra entrar numa nova vida, isso mexe muito com a cabeça da gente e o atleta não é preparado pra isso, pra parar. Então eu acho que é uma área que a gente tinha que investir. A outra coisa é acompanhar esses atletas pós vida esportiva, pra ver o desenvolvimento na parte motora, saúde, pra elaborar pesquisas futuras, pra melhorar a

qualidade do trabalho físico das gerações de base porque eles só acompanham enquanto você é atleta, depois te abandonam. Então tem várias sequelas que surgem e na medicina a gente poderia estar evoluindo com um trabalho preventivo porque tem muito atleta nosso que está todo estrupiado por treinamento inadequado. Eu até proponho um plano de saúde vitalício para esses atletas olímpicos que foram submetidos a essa carga de trabalho. Essas empresas, responsáveis pelos planos de saúde poderiam continuar investindo e conhecendo esse dia a dia do atleta, aquele que parou de jogar e está fazendo atividade física, aquele que parou de jogar e não joga nada, não faz nada, aquele que parou de jogar e fuma, enfim, avaliar os riscos e as consequências desse trabalho. Eu acho que deveria haver um projeto nessa direção porque seria ótimo para o atleta que se dedicou, estourou seu corpo no limite depois de tantos anos de dedicação. Eu joguei durante vinte anos. É muita coisa. Eu acho que eu deveria ter pelo menos um plano de saúde e acho que todos os atletas também deveriam ter um plano de saúde vitalício, uma coisa que o Comitê Olímpico, não sei quem deveria se dedicar. Pode ser através de estudos, pesquisa, fazer uma parceria com Universidades. A gente estaria submetendo todas as nossas informações, o que aconteceu com o corpo da gente, eu acho que seria uma coisa muito produtiva. Eu acho que você deveria tirar dessa sua pesquisa algo que pudesse reverter pra novas pesquisas. Eu agradeço. Achei muito bacana e você falou dos pontos principais, os pontos chaves da mudança. Esses foram os pontos de mudança.

[FINAL DA ENTREVISTA]